



O fotojornalismo em tempos de superexploração da força de trabalho

Photojournalism in age of superexploitation of workforce

Marcelo De Franceschi dos Santos¹

RESUMO

Resenha do Livro “O fotojornalismo em tempos de cultura visual” de Silvio da Costa Pereira publicado pela Ria Editorial em 2022.

Palavras-chaves: resenhas; fotojornalismo; tecnologia; redações.

ABSTRACT

Review of the book “Photojournalism in times of visual culture” by Silvio da Costa Pereira published by Ria Editorial in 2022.

Keywords: reviews; photojournalism; technology; newsrooms.

RESENHA

A intensa digitalização de câmeras e da telefonia a partir dos anos 2000 causou diversas consequências ao jornalismo. Com a diminuição dos custos de produção de imagens, o fotojornalismo teve um aumento na concorrência com fotografias extraídas de vídeos ou diretamente dos sites de redes sociais e de câmeras de vigilância. Por outro lado, também aumentou a cobrança de produtividade sobre fotojornalistas que filmam e entrevistam e sobre repórteres de texto que fotografam e filmam. Como fica a situação do trabalho do repórter fotográfico nesse múltiplo panorama? É o que uma recente obra de Silvio da Costa Pereira procura entender.

Publicado em 2022, “O fotojornalismo em tempos de cultura visual” saiu somente em arquivo digital pela Ria Editorial, sediada em Aveiro, Portugal. O livro reedita a tese de doutorado defendida em janeiro de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): “Do fotojornalismo ao jornalismo visual: um estudo do processo de produção de relatos jornalísticos com

¹ Doutorando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

imagens técnicas em três redações brasileiras”². A análise abarca as práticas de profissionais de empresas jornalísticas não apenas com fotografias, mas, também, vídeos e outros derivados.

Em 487 páginas divididas em quatro capítulos, é apresentada uma discussão sobre fotojornalismo pela via histórica e sobre dados da produção e edição de imagens nas redações de três jornais de três regiões brasileiras: um do Centro-Oeste, um do Sudeste e um do Sul. A jornada começa no capítulo um, “O uso de imagens no jornalismo”, com um retorno no tempo para os primórdios das imagens de xilogravuras na imprensa britânica em 1607 e 1648. Anunciada pelo estado francês em 19 de agosto de 1839, a fotografia só poderia ser inserida nos jornais no fim do século XIX. Centrado na tecnologia, Pereira (2022) enfatiza que, com a impressão direta das fotos em cilindros de rotogravura no papel jornal, pode-se combinar elementos na diagramação e surgiram profissionais como fotojornalista, diagramador, editor de fotografias e diretor de arte.

No segundo capítulo, “Dos Jornalistas que Produzem Imagens”, o mais extenso de todos, parte-se para a ampla descrição do trabalho dos produtores de fotografias e vídeos em redações de jornais impressos e digitais. Dos três veículos que obteve autorização das empresas jornalísticas para acompanhar as rotinas, dois eram de abrangência estadual e um de enfoque nacional. Ao todo, foram entrevistados 12 repórteres fotográficos, mais seis repórteres de texto que produzem fotos e vídeos, oito editores, dois montadores, e um diagramador – em 36 dias nos primeiros meses de 2018. É dito que a maioria dos contratantes exige que os empregados tenham outras habilidades que não “apenas” a de fotografar, mas que conheçam aspectos “narrativos” da imagem, que sejam “multimídia” e que tenham equipamentos próprios. Tais condições são igualmente válidas aos trabalhadores informais *Freelancers* e Pessoas Jurídicas que arcam com o próprio orçamento o custo da depreciação das ferramentas que possuem, porém, sem receber a mais por isso.

A fase seguinte do processo é tratada no capítulo três, “O design”, focando as maneiras que a edição lida com as variadas fontes de imagens, entre seleção e defesa legítima do arquivamento e da catalogação. Observa-se que a redação pode obter fotos por meio de fotógrafos contratados, arquivo do jornal, agências de notícias, divulgação de assessorias, captura de tela de fotos e vídeos de redes sociais e de câmeras de segurança, além de imagens recebidas de policiais em grupos de mensagem e do público como “arquivo pessoal” ou como denúncia sem créditos pelo temor de represálias. Com isso, afirma Pereira (2022), surge como requisito fundamental do jornalismo avaliar a confiabilidade das imagens encontradas e recebidas externamente. Existem riscos delas serem antigas e descontextualizadas, provindas de locais diferentes do informado e sem créditos, podendo, portanto, ser enganosas.

O levantamento termina no quarto capítulo do livro, “A credibilidade dos relatos

² Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215861>. Acesso em: 06/09/2024.

jornalísticos com imagens”, ao abordar questões sobre tratamento de imagem e discutir as possíveis “manipulações” que conduziriam a compreensões diferentes do fenômeno social. Três momentos de tratamento são identificados: ao fotografar; na seleção das imagens a serem enviadas à redação; e, terceiro, na redação, em que ocorre a escolha da foto a ser publicada. Também são comuns os ajustes de exposição e de cor e os reenquadramentos de vertical para horizontal e vice-versa. Outras alterações aceitas são embaçar rosto ou informação que possa prejudicar fotografados e inserir o desenho de um círculo em vídeo ou em captura da tela de câmera de vigilância para destacar a ação. As “manipulações” são mais consentidas durante a produção das fotografias – como em encenação em retratos de pautas não urgentes – do que na pós-produção. É reconhecido que “distorções” sem “montagem” podem ocorrer, como no exemplo de que se pode fotografar um político de baixo para cima ou de cima para baixo (Pereira, 2022, p. 411), corroborado por um fotojornalista que nota a alteração da cena já no gesto de levantar a câmera. É a partir dessas escolhas do fotojornalista que se inicia a definição do que será ou não publicado.

Ao longo do texto, a obra expõe diversos momentos de abusos a que os fotojornalistas estão submetidos. Um dos exemplos mais gritantes é o de um trabalhador que foi ordenado a ir para a praia cobrir a chuva numa noite de Natal, mas a previsão meteorológica apontava que o céu estaria sem nuvens, como acabou por se confirmar. O profissional, além de não ter sua produção aproveitada, perdeu um precioso tempo com a família devido ao prolongamento da jornada de trabalho, o qual entende como “estilo de vida” (Pereira, 2022, p. 98). Outro repórter de texto afirma que “faz parte [...] do pacote” (Pereira, 2022, p. 209), normalizando as múltiplas funções, ou ser “multitarefa”, considerada a execução de diferentes atividades, ou, segundo Pereira (2022, p. 117), “uma forma contemporânea de fazer as coisas”. Por isso, atravessa o livro uma naturalização do acúmulo de tarefas.

Soma-se, ainda, a falta de tempo que é constantemente alvo de desabafos como impeditivo para um trabalho mais elaborado, gerada pela pressa em publicar e pelo medo incessante de demorar para enviar imagens, pois a redação *online* pode não esperar e procurar outras fontes como as de agências de notícias. A mistura da sobrecarga com a urgência reduz não só a qualidade do produto jornalístico, mas debilita a saúde mental do trabalhador que, em ansiedade pela ameaça de perda de emprego, submete-se a qualquer ordem e condição, como a aceitação de salários baixos³. Os casos relatados denunciam que o problema seria a incompatibilidade da quantidade de demandas e do tempo disponível para a sua realização e a exploração econômica desse desequilíbrio. Os profissionais do jornalismo raramente produzem somente um produto, entretanto,

³ O fato de o aumento deliberado do desemprego para a classe burguesa baixar salários e rebaixar a classe dos trabalhadores foi externado pelo multimilionário australiano Tim Gurner em 2023: <https://web.archive.org/web/20230916181830/https://economia.ig.com.br/2023-09-14/ceo-desemprego-controlar-funcionarios.html>. Acesso em: 06/09/2024.

não são pagos adicionalmente pela quantidade maior de afazeres que deriva do enxugamento das redações por demissões.

O empenho na obtenção dos muitos dados da abordagem estrutural ao longo do estudo é notável. Como técnicas, o autor utilizou enquete *online*, observação de campo e entrevistas semi-estruturadas. Durante as visitas na redação e acompanhamentos dos profissionais, demonstrou preocupação se estaria interferindo no trabalho dos 29 observados; contudo, a presença do pesquisador foi avaliada como um estímulo à reflexão. As citações, informações de cada caso e referências aos locais foram anonimizadas. Ao perceber que as atividades dos fotógrafos não principiaram na reunião de pauta, Pereira se esforçou para ir até os locais dos fatos com os repórteres, resultando em 456 páginas de cadernos de anotações e 32 horas e meia de áudio. Tanta imersão pode ter prejudicado o julgamento e causado a impressão de que as graves explorações são inalteráveis em qualquer aspecto.

A extensão dos detalhes não somente se reflete no pouco posicionamento crítico sobre o cenário de superexploração, mas pode ter acarretado previsões contraditórias. Para Pereira (2022, p. 78), o fotojornalismo tenderia a integrar um “jornalismo visual” (Gynnild, 2019), o que supõe um apagamento das subdivisões entre videojornalismo, infografia, diagramação e ilustrações. Essa obliteração do fotojornalismo entra em choque com a defesa da contribuição única de repórteres fotográficos que participam do planejamento de pauta e das decisões sobre o material ao enviá-lo. Alguns editores reconhecem que o material dos fotojornalistas é mais qualificado do que os de repórter de texto, considerados “mero ‘registro’ da situação” (Pereira, 2022, p. 214). Jornalistas contam improvisar por não terem tempo de pensar em como fotografar, daí a importância do repórter fotográfico em “criar imagens que não sejam óbvias” (Pereira, 2022, p. 159), e constatam que o fotojornalista pode estar atento a momentos circundantes e obter imagens “mais expressivas e informativas” (Pereira, 2022, p. 215).

Não são feitas indicações de solução ou de atenuação ao problema mais escancarado: a pauperização das condições de trabalho. Ao contrário da referenciada pesquisa de Mick e Lima (2013), não consta resposta sobre qualquer pergunta a ver com a vinculação política dos entrevistados ou se são sindicalizados, mesmo que tenha havido contato com sindicatos para o envio da enquete. Perdeu-se a oportunidade de se debruçar sobre a recepção da reforma trabalhista entre os fotógrafos, ainda que as reclamações presentes possam ser entendidas como um reflexo dela. Um dos editores sabe que houve a perda de direitos trabalhistas; todavia, enaltece o aumento da produção e a redução de custos à empresa. Outro editor acredita que compensa ser Pessoa Jurídica por poderem ser aceitos trabalhos eventuais além do contratado pelo jornal da capital, o que Pereira (2022, p. 95) cogita nem sempre ocorrer, pois talvez não seja assim em “mercados mais restritos ou em tempos de crise”.

O livro resulta, em sua maior parte, em descrições que podem ter cansado o próprio autor. A falta de síntese fica patente inclusive na ausência de uma seção conclusiva. Uma das contribuições da pesquisa é o registro das explorações a que estão sujeitos os trabalhadores do fotojornalismo. Pereira (2022, p. 134) nota que “a pressão por produção leva a que às vezes se esqueça o lado humano”. Contraditoriamente, em uma parte da publicação, consolida que os fotojornalistas têm sua especialidade, no entanto, em outra parte anterior, afirma que essa histórica especificidade crítica fotojornalística seria diluída em outras profissões. Tal ideia auxilia na aceitação das particulares condições de alta fragilização da classe trabalhadora dos repórteres fotográficos, que, dispersa, fica sem ter a que recorrer, a não ser a si mesma enquanto coletivo. No todo, o público leitor pode se inteirar da nada fácil labuta diária dos fotojornalistas, cujas necessidades humanas permanecem pressionadas entre o avanço da tecnologia e as exigências desumanas do capitalismo.

REFERÊNCIAS

GYNNILD, Astrid. Visual Journalism. In: VOS, Tim; HANUSCH, Folker. The International Encyclopedia of Journalism Studies. New Jersey: John Wiley & Sons, 2019.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. Perfil do jornalista brasileiro – características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

PEREIRA, Silvio da Costa. O fotojornalismo em tempos de cultura visual. Aveiro: Ria Editorial, 2022.